

CANTO

Corais em concerto

PÁGINA 2

DVD

Show do trio Sublime

PÁGINA 4

NOVELA

Romance no final

PÁGINA 7

DIVULGAÇÃO

BELO HORIZONTE, SÁBADO, 20 DE SETEMBRO DE 2003

ESTADO DE MINAS



ESTADO DE MINAS

CULTURA

Arte em miniatura - Artista plástica Du Salgado abre amanhã mostra de pinturas em pequenas dimensões. PÁGINA 3
 Xuxa em BH - A rainha dos baixinhos (foto) aumenta o movimento na Pampulha com o show desta tarde, no Mineirinho. PÁGINA 4

CONSIDERADA A QUARTA MELHOR CANTORA DO MUNDO POR UMA REVISTA DOS EUA ESPECIALIZADA NO GÊNERO, **ITHAMARA KOORAX** SE SENTE ORGULHOSA E ESPERA CANTAR EM BELO HORIZONTE

A voz do jazz

AILTON MAGIOLI

ESTADO DE MINAS - Em recente entrevista você citou Belo Horizonte como uma das cidades onde ainda não fez shows. Por que a lembrança?

Ithamara Koorax - Porque se trata de uma das cidades mais importantes do Brasil. E também porque sou apaixonada por vários compositores mineiros, como Toninho Horta e Pacífico Mascarenhas, com quem sonho em trabalhar algum dia. Além de amar Nelson Angelo, que já participou de três discos meus, e de idolatrar Milton Nascimento, claro, de quem já gravei uma música maravilhosa, chamada *Rio Vermelho*, que deu título ao meu segundo CD. Me perguntaram o que eu achava de nunca de ter sido convidada para me apresentar em festival de jazz no Brasil. Respondi que achava normal, porque tenho dezenas de ídolos que também nunca foram convidados: Dave Brubeck, Don Sebesky, Lalo Schifrin, Kenny Burrell, Steve Gadd, Kurt Elling, Sheila Jordan, uma lista infinita. Se nunca tiveram interesse em convidar uma lenda viva como o Brubeck, em plena forma aos 82 anos, por que iriam me convidar? Não há ressentimento. Sou realista e acho horrível a mania da mídia de colocar a gente como vítima reclamona. Já fiz shows em todo o Norte e Nordeste, cantei no Acre e em Roraima, numa turnê com o Azyrnuth. Estive várias vezes em Curitiba e Brasília. Belo Horizonte ficou de fora por fatalidade, porque os convites não foram atraentes. Mas sonho cantar em BH muito em breve!

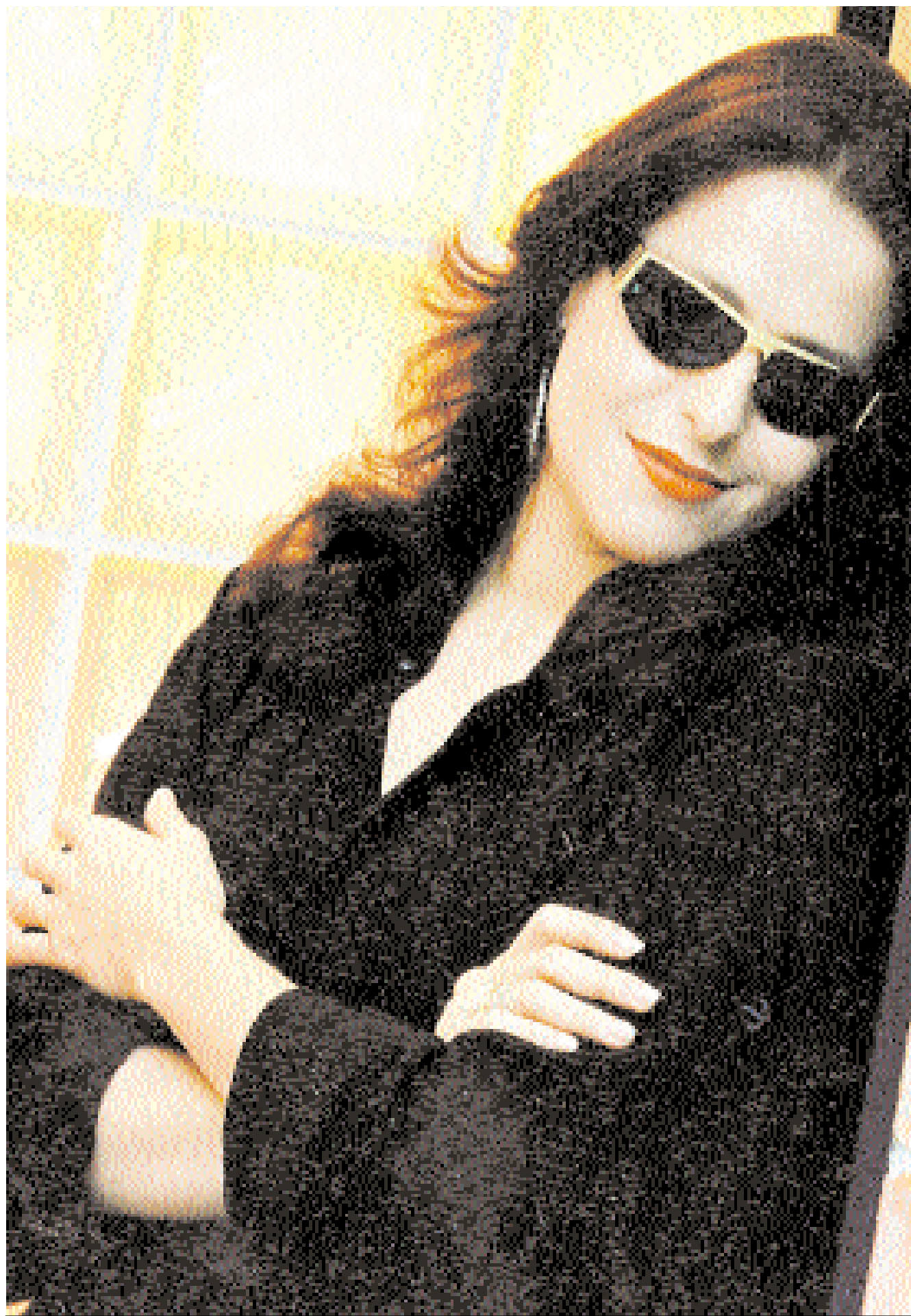
A que atribui o fato de, com carreira consagrada lá fora, no Brasil ainda ser desconhecida do público?

IK - Vamos aos fatos: comecei minha carreira solo como cantora profissional em 1990, quando fiz o primeiro show individual e a primeira gravação, *Iluminada*, tema da minissérie *Riacho Doce*. Desde então, gravei sete discos, participei de nove trilhas de novelas da TV Globo, fiz cinco trilhas de filmes, loto todos os locais onde me apresento, faço média de 50 shows por ano no Brasil, participei de vários songbooks do Almir Chediak, tive faixas incluídas em dezenas de projetos especiais e coletâneas como *Casa da Bossa* etc. etc. Tenho público fiel. Não me acho "artista desconhecida do público". Dou autógrafa na padaria, no supermercado, me param na rua para elogiar meus discos (no Rio de Janeiro, obviamente). Minha agenda prevê estar dia 24 em São José dos Campos, dias 25 e 26 no Sesc Vila Mariana (SP), dia 27 em Araraquara, dia 28 em Santo André. Faço temporada de 3 a 5 de outubro (dois shows por noite) no Mistura Fina do Rio. Salvador, 10 e 17 de outubro, Feira de Santana, dia 23. Logo depois sigo para o Japão e volto ao Rio para mais três finais de semana de show, de 7 a 22 de novembro, antes de ir para a Coreia. Se não tivesse público eu faria tanto show? Sem contar os inúmeros shows privados para congressos e convenções...

Sua passagem pelo Domingão da Faustão, da Globo, não pareceu meio deslocada?

IK - Fiquei felicíssima, considero um marco na minha carreira. Peguei o programa com 17 pontos no Ibope e subi para 20! A princípio o combinado com a produção era que

A extensa agenda de shows a ser cumprida nos próximos meses, entre o Brasil e o exterior, não afasta a constatação de que no Brasil ela continua restrita a um segmento de público. Aclamada como uma das quatro melhores cantoras do mundo pela revista *Down Beat*, a fluminense Ithamara Koorax, de Niterói, é a única brasileira contratada pela Milestone Records, a mais importante gravadora de jazz dos Estados Unidos, com sete discos solos já gravados, o mais recente *Love Dance - The Ballad Album*. Ainda assim, poucos conhecem sua música por aqui. "Eu realmente não tenho do que reclamar", reage em entrevista ao ESTADO DE MINAS. Ithamara chegou a uma conclusão irrefutável: "Quem não me conhece no Brasil é a mídia", acusa, sem mágoas. "Se é verdade que cada música tem sua alma, essa admirável cantora tem o dom de criar uma voz que parece ter nascido com a alma da própria canção", escreveu o jornalista Armando Nogueira depois de assistir, recentemente, a uma apresentação de Ithamara Koorax. Inédita em Belo Horizonte, ela não oculta o desejo de cantar na cidade.



MARCO ANTÔNIO TEIXEIRA/GLOBO/1995

"MÚSICA DE QUALIDADE DÁ AUDIÊNCIA. NÃO DEVÍAMOS FICAR FELIZES COM ISSO? NÃO SERIA MARAVILHOSO SE FOSSE NORMAL E NÃO EXCEÇÃO?"

■ Ithamara Koorax, cantora

eu ficasse quatro ou cinco minutos no ar. Acabei cantando seis músicas e ficando 15 minutos! A repercussão foi imensa. Música de qualidade também dá audiência. Não devíamos ficar felizes com isso? Não seria maravilhoso se fosse coisa normal, e não exceção?

Há planos para seu mais recente álbum chegar ao mercado nacional?

IK - Dos meus sete discos, o único não lançado por aqui foi *Wave 2001*, que gravei no Japão em 1996. Todos os outros saíram no Brasil, alguns por gravadoras grandes, como a Universal, outros por selos pequenos, como a Imagem. Meu segundo CD, *Rio Vermelho*, de 1994, vai ser relançado pela terceira vez em outubro, pela Movieplay. Quanto ao *Love Dance*, lançado nos Estados Unidos pela Milestone, na Europa pela Warner e no Japão pela JVC, acaba de sair no Brasil pela Som Livre. Pode ser adquirido em qualquer parte do País, pela internet e até nas Lojas Americanas e em supermercados. A Som Livre tem distribuição excelente.

O que significa para uma cantora brasileira ser considerada uma jazzista lá fora?

IK - Fico orgulhosa, ainda mais porque a *Down Beat*, a "bíblia" do jazz, me colocou entre as quatro melhores cantoras do mundo, atrás apenas de Diana Krall, Cassandra Wilson e da minha amiga Dianne Reeves, e à frente de Dee Dee Bridgewater, Norah Jones, Jane Monheit e até da minha cantora favorita, Shirley Horn. Ficar na frente da Shirley considero um absurdo, não faz o menor sentido. Embora fique feliz, não fico deslumbrada. Em 2000, também na *Down Beat*, fiquei em décimo lugar como cantora e em terceiro na categoria Beyond Artist, atrás apenas de Sting e Santana. Como isso depende fatores como promoção da gravadora e investimento em marketing, na próxima votação posso estar em quinto lugar ou nem aparecer. Não vou ficar chateada. Nenhum prêmio foi ou será mais importante que gravar com Tom Jobim, Luiz Bonfá, Ron Carter, Dave Brubeck, Larry Coryell, Art Farmer, Eddie Gomez, Gonzalo Rubalcaba.

Você prefere cantar em português ou inglês? O mercado cobra idioma de uma cantora brasileira?

IK - Cobra caro, porque nenhuma música em língua não-inglesa toca nas rádios americanas. Estou falando das rádios do mercado, as que contam. Nas rádios universitárias e on-line entram músicas em "língua exótica", sob o famigerado rótulo de *world music* que, agora, está virando um negócio pior: música étnica. Do meu novo CD, *Love Dance*, a única faixa não tocada nas rádios americanas é *Lígia*, de Tom Jobim, em português. E olha que as "rádios de jazz" são bem mais liberais... Elas tocam até faixas de nove minutos, como *Man Alone*, mas não tocam *Lígia*. O Tony Bennett e o Claus Ogerman contam que várias vezes pediram ao Tom que fizesse ou autorizasse letras em inglês para *Lígia*, mas ele não fez. Por isso a música não virou *standard*, foi pouco regravaada. A música que me abriu as portas na França foi *Un Homme et une Femme*, que gravei, propositalmente, em francês, no disco *Serenade in Blue*.